



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Gabinete do Presidente

**INTERVENÇÃO DE EDUARDO FERRO RODRIGUES,
PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA
DIA DE MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO
PALÁCIO DE SÃO BENTO – 31 JANEIRO 2019**

74 anos após a libertação do campo de extermínio de Auschwitz, data que hoje se comemora, a memória do Holocausto desvanece.

Segundo uma sondagem realizada por uma cadeia de televisão norte-americana, em setembro 2018, em sete Estados europeus (Áustria, França, Alemanha, Reino Unido, Hungria, Polónia e Suécia), 1 em cada 20 cidadãos desses Estados nunca ouviram falar do Holocausto.

Isto apesar de se tratarem de Estados que, à exceção de um (a Suécia), estiveram diretamente envolvidos na Segunda Guerra Mundial.

Mas se a memória do Holocausto desvanece, o antissemitismo, sempre latente, tem vindo a ressurgir nestes últimos anos.

«Décadas depois do Holocausto, níveis chocantes e crescentes de antissemitismo continuam a assolar a UE», afirma Michael O’Flaherty, o Diretor da Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia, que apresentou, também em 2018, o seu relatório «Experiências e perceções de antissemitismo – Segundo inquérito sobre discriminação e crimes de ódio contra judeus na UE».

Este inquérito, recaindo sobre indivíduos que se identificam como sendo judeus, é o maior de sempre do género a nível mundial e foi efetuado nos 12 Estados membros onde, estima-se, reside 96% da população judaica na União Europeia: Áustria, Bélgica Dinamarca, França, Alemanha, Hungria, Itália, Holanda, Polónia, Espanha, Suécia e Reino Unido.

As conclusões deste estudo apontam para níveis crescentes de antissemitismo e racismo, com 85% dos inquiridos a considerá-los como os mais prementes problemas dos Estados-membros da UE.

Ainda de acordo com este relatório, 89% dos entrevistados sentem que o antissemitismo está a aumentar no seu país.

Este sentimento é extensivo aos muçulmanos, com 72% dos sondados a expressar preocupação com o aumento da intolerância para com aqueles.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Gabinete do Presidente

89% sentem que o fenómeno é particularmente problemático na internet e nas redes sociais, ao passo que 70% referem os espaços públicos, os meios de comunicação social e a política como fontes comuns de antissemitismo.

Quase 30% foram alvo de um qualquer tipo de assédio.

O crescente antissemitismo é confirmado pela mencionada sondagem da cadeia de televisão norte-americana: 40% dos respondentes dizem que os judeus estão em risco de violência racista nos seus países.

Mais assustador é constatar nessa sondagem que quase 1 em cada 5 (18%) dos indagados afirma que o antissemitismo nos seus países é uma resposta ao comportamento quotidiano da comunidade judaica. Isto é, a culpa da violência é da própria vítima.

Todos temos conhecimento de crimes cometidos por ódio, xenofobia ou racismo nos últimos anos, mas permitam-me que cite dois particularmente chocantes e reveladores da extensão do antissemitismo em 2018:

- o massacre ocorrido em Pittsburgh, na sinagoga Tree of Life, onde 11 pessoas foram mortas e 10 feridas durante o serviço religioso;
- o assassinato em Paris, aos 85 anos, de Michelle Knoll, ela própria uma das crianças sobreviventes da perseguição nazi durante a II Guerra Mundial.

E avizinham-se tempos sombrios, com o ressurgimento de ideologias que julgávamos definitivamente desacreditadas e atiradas para o lixo da História, e com o crescente apoio a políticos e movimentos antidemocráticos, portadores de mensagens xenófobas e racistas.

É, por isso, importante persistir na homenagem à memória das vítimas do Holocausto, para que não caiam no esquecimento as consequências do ódio racial, religioso ou político, do ódio gerado pela cor, origem étnica ou nacional, orientação sexual ou deficiência física ou psíquica.

A citada sondagem da cadeia de televisão norte-americana mostra que dois terços dos auscultados acreditam que comemorar o Holocausto ajuda a garantir que tais atrocidades nunca mais acontecerão. E metade dos inquiridos acredita que comemorar o Holocausto ajuda a combater o antissemitismo nos dias de hoje.

Mas tão importante como recordar é insistir na educação das gerações presentes e futuras sobre as causas do nazismo e de outras ideologias racistas e xenófobas para que a história não se repita.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Gabinete do Presidente

É insistir na aprendizagem democrática da tolerância e do respeito pelos direitos humanos, para que o ódio, o preconceito e o medo não ganhem terreno no espaço público e nos próprios sistemas políticos democráticos.

A exposição «Desenhar contra o Esquecimento», que agora se inaugura, é um excelente exemplo desse esforço.

É impossível saber ao certo quantas crianças pereceram vítimas do Holocausto. A guerra destrói indiscriminadamente pessoas e arquivos e os nazis, perante a iminente derrota, tentaram apagar o registo dos seus crimes.

Os historiadores apontam para cerca de 1,5 milhões de crianças, das quais um milhão seriam judias.

Crianças especialmente visadas por razões de ódio, racismo e xenofobia. Crianças judias, crianças Roma, crianças portadoras de deficiências físicas ou mentais, crianças residentes em territórios ocupados.

É um número horrível de crianças perdidas, que o artista, Manfred Bockelmann, tenta resgatar do anonimato das estatísticas.

A partir de fotografias dos arquivos das SS, Manfred Bockelmann ensaia a humanização de algumas dessas crianças assassinadas, devolvendo a cada uma delas, a traços de carvão vegetal sobre tela de juta, um rosto, uma personalidade.

Atrevo-me a dizer que é um projeto conseguido.

É, pois, com agrado que a Assembleia da República recebe esta exposição, na celebração do Dia Internacional da Memória do Holocausto.

Termino, finalmente, agradecendo a vossa presença e a vossa atenção.

Muito obrigado.